

PREPARAR O EXAME NACIONAL

Resumo e Sistematização da informação relevante para cada obra/ autor do Programa, que permite ao aluno uma revisão eficaz

10.º - Camões, *Lusíadas* (pp. 68-71)

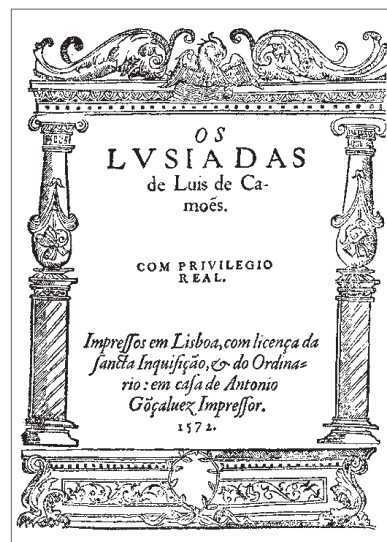
11.º - Padre António Vieira, *Sermão de Santo António* (pp. 96-100)

12.º - José Saramago, *O Ano da Morte de Ricardo Reis* (pp. 268-278)

LUÍS DE CAMÕES, OS LUSÍADAS

NATUREZA E ESTRUTURA DA OBRA

- *Os Lusíadas* é uma epopeia que obedece à natureza e estrutura típicas deste tipo de texto, que vem sendo popularizado desde a Antiguidade Clássica por Homero (*Ilíada*, *Odisseia*) e Virgílio (*Eneida*).
- O seu assunto é de interesse universal, dizendo respeito ao louvor de povos e heróis que, de alguma maneira, mudaram o mundo e o fizeram progredir.
- O texto está dividido em cantos (espécie de capítulos), com um número variável de estrofes (conjunto de versos). As estrofes têm 8 versos decassilábicos, sendo a rima cruzada nos seis primeiros e emparelhada nos dois últimos, com o esquema rimático *abababcc*.
- Da estrutura interna fazem parte a **Proposição** (verbalização do assunto que o poeta vai tratar), a **Invocação** (pedido de ajuda às ninfas ou musas inspiradoras), a **Dedicatória** (indivíduo ou entidade a quem o poeta dedica a sua epopeia) e a **Narração** (a viagem, a mitologia e a História de Portugal, começada «*in media res*», ou seja, a meio da viagem), a que se juntam as considerações do poeta, fora do plano da narração.



Fac-símile da portada da edição de 1572 de *Os Lusíadas*

TÓPICOS DE ANÁLISE N'OS LUSÍADAS

Imaginário épico

Matéria épica (feitos históricos e viagem): Luís de Camões propõe-se narrar em verso a viagem marítima dos portugueses desde Portugal até à Índia. Neste sentido, afirma que contará os feitos gloriosos dos navegadores (Nobreza, Clero e Povo), os quais dizem respeito não só à navegação (com suas proezas) e à descoberta de novas terras ultramarinas, mas também à conquista de povos africanos e asiáticos. O poeta acrescenta que os feitos históricos serão para sempre recordados como ainda maiores do que os dos heróis da Antiguidade Clássica: o grego Ulisses (*Odisseia*), o troiano Eneias (*Eneida*) e Alexandre Magno (rei da Macedónia). Esta informação surge na «Proposição».

Sublimidade do canto: Para conseguir cantar e louvar os feitos gloriosos dos portugueses nesta sua epopeia, Camões recorre às ninfas do Tejo, as Tágides: invocando-as, pede-lhes que lhe deem inspiração e linguagem erudita, elevada, sublime, para conseguir igualar a sublimidade dos feitos dos portugueses, que ele quer deixar famosos por todo o «Universo» (presente e futuro). Na verdade, faz parte de uma epopeia o uso de vocabulário, frases e estâncias de estilo formal e de uma eloquência superior. Esta informação encontra-se na «Invocação».

Mitificação do herói: O herói de *Os Lusíadas* é o povo português, simbolizado na figura de Vasco da Gama. Narrando os seus feitos gloriosos e sublimes, mais meritórios do que todos os dos povos e nações anteriores, Camões eleva os portugueses a um nível mítico, quase sobre-humano, ou seja, acima dos poderes terrenos.

Reflexões do Poeta

Camões exprime as suas opiniões críticas sobre os factos que vai narrando. Assim, acompanhando a viagem, as conquistas e as proezas gloriosas dos nossos navegadores, o poeta tece também comentários críticos à ambição desmedida e exagerada por dinheiro e fama, à falta de cultura e apreço pelas Artes (especialmente a Poesia), ao poder corruptor do dinheiro e do ouro e aos comportamentos negativos dos portugueses.

VISÃO GLOBAL		
CANTOS	RESUMOS	TEMPO
Canto I	<p>Proposição, Invocação e Dedicatória (estâncias 1 a 18)</p> <p>Narração (estâncias 19 a 106):</p> <ul style="list-style-type: none"> • Plano da viagem: viagem marítima para a Índia; • Plano da mitologia: episódio mitológico-simbólico do Consílio dos Deuses no Olimpo, em que Júpiter anuncia o destino dos portugueses; • Plano da viagem: os portugueses navegam para Moçambique; recepção pelos mouros e visita de Régulo; projeto traiçoeiro do mouro; a armadilha do piloto mouro tem sucesso; • Plano da mitologia: intervenção (ajuda) de Vénus; • Plano da viagem: chegada a Mombaça; • Plano das reflexões do poeta: reflexão sobre os perigos a que o ser humano está sujeito. 	1498
Canto II	<p>Narração (estâncias 1 a 112):</p> <ul style="list-style-type: none"> • Plano da viagem: convite do rei de Mombaça; dois condenados portugueses visitam a cidade e trazem a Vasco da Gama informações falsas; • Plano da mitologia: intervenção de Baco, que engana os condenados portugueses, e intervenção posterior de Vénus e suas Nereidas, que afastam as naus portuguesas do porto; • Plano da viagem: fuga do piloto mouro e seus companheiros; Vasco da Gama agradece e pede ajuda à Divina Providência (Deus); • Plano da mitologia: intervenção de Vénus, Júpiter e Mercúrio, pois Vénus pede ajuda para os portugueses a Júpiter e este envia Mercúrio, seu mensageiro, para indicar, em sonho, ao Capitão Vasco da Gama, o caminho para uma terra amiga; • Plano da viagem: partida de Mombaça; chegada a Melinde, onde os portugueses são muito bem recebidos e acomodados; o Rei de Melinde pede a Vasco da Gama que lhe conte a História de Portugal. 	1498
Canto III	<p>Invocação a Calíope (estâncias 1 e 2)</p> <p>Narração (estâncias 3 a 143):</p> <ul style="list-style-type: none"> • Plano da História de Portugal: início da narração de Vasco da Gama ao rei de Melinde (descrição da Europa); origens e História de Portugal (1.ª dinastia – inclui o episódio bélico da Batalha de Ourique); • Plano da história de Portugal: D. Maria pede ao pai, D. Afonso IV, ajuda para o seu marido na luta contra os Mouros aquando da Batalha do Salado – episódio lírico da <i>Formosíssima Maria</i>; • Plano da história de Portugal: D. Afonso IV é o grande herói do episódio da Batalha do Salado; • Plano da história de Portugal: episódio lírico da morte de Inês de Castro. 	ANALEPSE Séc. II a. C. até ao séc. XIV

<p>Canto IV</p>	<p>Narração (estâncias 1 a 104 – Vasco da Gama continua a sua narração ao rei de Melinde):</p> <ul style="list-style-type: none"> • Plano da história de Portugal: história de Portugal (2.^a dinastia) – D. João, Mestre de Avis, é aclamado rei; discurso de D. Nuno Álvares Pereira e preparação da Batalha de Aljubarrota; episódio da Batalha de Aljubarrota; conquista de Ceuta; sonho profético de D. Manuel; D. Manuel escolhe Gama para comandante da armada portuguesa para a Índia; saída de Belém; episódio simbólico-profético do Velho do Restelo. 	<p>ANALEPSE Séc. XV (inclui também um momento de Prolepse, que é o do sonho de D. Manuel)</p>
<p>Canto V</p>	<p>Narração (estâncias 1 a 100 – Vasco da Gama continua a sua narração ao rei de Melinde, desta vez sobre a viagem de Lisboa até Melinde):</p> <ul style="list-style-type: none"> • Plano da viagem: partida de Lisboa e viagem até ao Equador; relato dos episódios naturais do Fogo de Santelmo e da Tromba Marítima; relato da aventura de Fernão Veloso; relato da passagem pelo Cabo das Tormentas e conseqüente episódio simbólico-profético-mitológico do Gigante Adamastor; continuação da viagem até ao Rio dos Bons Sinais; descrição da doença do escorbuto; viagem em direção a Melinde e glorificação dos portugueses por parte de Vasco da Gama; • Plano das reflexões do poeta, com comentários sobre os que desprezam e não querem saber da Poesia. 	<p>ANALEPSE Séc. XV (1498) (inclui também um momento de Prolepse, que é o dos comentários proféticos do Adamastor)</p>
<p>Canto VI</p>	<p>Narração (estâncias 1 a 99 – fim da narração de Vasco da Gama ao rei de Melinde):</p> <ul style="list-style-type: none"> • Plano da viagem: despedida do rei de Melinde e continuação da viagem dos portugueses em direção à Índia; • Plano da mitologia: intervenções de Baco no episódio mitológico do Consílio dos Deuses marinhos; • Plano da viagem: os navegadores portugueses ouvem Veloso a contar o episódio lírico sobre «Os Doze de Inglaterra»; surge uma violenta tempestade e Vasco da Gama pede ajuda a Deus; • Plano da mitologia: intervenção da deusa Vénus para ajudar os portugueses; • Plano da viagem: a armada portuguesa chega a Calecute e todos fazem Ação de Graças a Deus; • Plano das reflexões do poeta, com reflexões e comentários sobre o valor da glória. 	<p>ANALEPSE Séc. XV (1498)</p>
<p>Canto VII</p>	<p>Narração (estâncias 1 a 87):</p> <ul style="list-style-type: none"> • Plano das reflexões do poeta, com elogio do espírito de cruzada dos portugueses; • Plano da viagem: entrada em Calecute; descrição da Índia e primeiros contactos com o Monçaide; o Monçaide visita a frota portuguesa; Vasco da Gama desembarca e é recebido pelo Catual; visita ao Samorim; contactos vários entre portugueses e indianos; o Catual visita e aprecia as bandeiras portuguesas; • Plano das reflexões do poeta: invocação do poeta às ninfas do Tejo e do Mondego; • Plano das reflexões do poeta: o poeta lamenta os seus infortúnios (falta de sorte e sofrimentos) e critica os opressores. 	<p>ANALEPSE Séc. XV (maio de 1498)</p>

Canto VIII	<p>Narração (estâncias 1 a 99):</p> <ul style="list-style-type: none"> • Plano da história de Portugal: Paulo da Gama explica ao Catual os símbolos e figuras presentes nas bandeiras portuguesas; • Plano da mitologia: intervenção de Baco, estimulando os indianos a detestar os portugueses; • Plano da viagem: os indianos revoltam-se contra Gama e este fala com o Samorim; o Catual (homem corrupto) tenta aprisionar os portugueses; • Plano das reflexões do poeta: considerações sobre o «vil metal», o ouro. 	<p>ANALEPSE Séc. XV (1498)</p>
Canto IX	<p>Narração (estâncias 1 a 95):</p> <ul style="list-style-type: none"> • Plano da viagem: negociações entre Vasco da Gama e os indianos para que os portugueses possam regressar a Portugal; • Plano da mitologia: intervenção de Vénus e de Cupido, sendo que a deusa prepara o descanso e recompensa dos portugueses; • Plano da viagem: os portugueses regressam à Pátria e, pelo caminho, avistam uma ilha; • Plano da mitologia: episódio simbólico-mitológico da Ilha dos Amores e sua descrição – as ninfas mostram-se aos navegadores e estes perseguem-nas (aventura do navegador Lionardo; relações amorosas entre os portugueses e as ninfas; e relação amorosa entre Vasco da Gama e Tétis); explicação do sentido alegórico (simbólico) da Ilha dos Amores; • Plano das reflexões do poeta: reflexões sobre o significado e o valor da imortalidade. 	<p>ANALEPSE Séc. XV (agosto de 1498)</p>
Canto X	<p>Narração (estâncias 1 a 156):</p> <ul style="list-style-type: none"> • Plano da mitologia: ainda na Ilha dos Amores, todos participam num banquete e Tétis faz profecias sobre o futuro dos portugueses no Oriente; invocação a Calíope (estâncias 8 e 9). <p>Narração:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Plano da mitologia: continuação do discurso profético de Tétis; Tétis mostra a Máquina do Mundo a Vasco da Gama e indica-lhe o tamanho do Império português no futuro; despedida de Tétis e partida dos portugueses rumo a Portugal; • Plano da viagem: chegada a Portugal; • Plano das reflexões do poeta: lamentos do poeta; o poeta pede ao rei D. Sebastião que concretize novas glórias. 	<p>ANALEPSE Séc. XV (1498) (inclui também um momento de Prolepse, que é o das profecias de Tétis)</p>

INTERDEPENDÊNCIA DOS PLANOS

Canto I	Canto II	Canto III	Canto IV	Canto V	Canto VI	Canto VII	Canto VIII	Canto IX	Canto X
Viagem	Viagem			Viagem	Viagem	Viagem	Viagem	Viagem	Viagem
		História de Portugal	História de Portugal						
Intervenção dos deuses	Intervenção dos deuses				Intervenção dos deuses			Intervenção dos deuses	Intervenção dos deuses
Reflexões				Reflexões		Reflexões	Reflexões	Reflexões	Reflexões

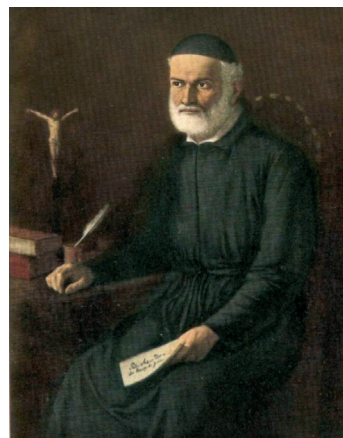
PADRE ANTÓNIO VIEIRA, *SERMÃO DE SANTO ANTÓNIO*, PREGADO NA CIDADE DE S. LUÍS DO MARANHÃO, ANO DE 1654

Capítulos I e V integrais; excertos dos restantes capítulos

CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICO-LITERÁRIA

Vida e obra

- **1608 (6 de fevereiro)**: nasce em Lisboa.
- Aos 7 anos, é levado para o Brasil e aos 15 anos entra no Colégio dos Jesuítas.
- **1635**: inicia a sua carreira de pregador.
- **1641**: traz a Lisboa, ao rei D. João IV, a adesão da sua colónia a Portugal, criando uma relação excelente com D. João IV, ao ponto de se tornar o pregador oficial da Corte.
- Pelos seus escritos, foi perseguido e processado pela Inquisição, por ser a favor de uma sociedade aberta a cristãos-novos e à burguesia mercantil.
- **1653**: torna-se um dos superiores da Companhia de Jesus.
- **1681**: regressa ao Brasil, a Baía, e passa a exercer funções de superior da missão no Maranhão.
- **1697 (18 de julho)**: morre na Baía (Brasil).



Autor desconhecido, Retrato de Padre António Vieira, c. 1700

O contexto literário de Vieira – o Barroco (séculos XVI-XVIII)

Nascido na Itália do final do século XVI, o período estético-literário designado «Barroco» seguiu-se, *grosso modo*, ao Renascimento. Ainda que partilhando com o Renascimento o mesmo interesse de recuperação da Antiguidade Clássica, o Barroco, pelo contrário, valorizava, na Arte, na Arquitetura, na Música e na Literatura **um estilo muito mais exuberante**, por vezes **extravagante**, de grandes **artifícios decorativos**, assim como de **grandiosidade e esplendor** a todos os níveis.

No caso específico da literatura barroca portuguesa, e nomeadamente no que diz respeito à poesia, esta foi reunida em duas conhecidas antologias: *Fénix¹ Renascida* e *Postilhão² de Apolo*. Destacam-se escritores como Soror Violante do Céu, D. Francisco Manuel de Melo, Francisco Rodrigues Lobo, entre outros. Quanto à prosa barroca, o seu maior representante foi, sem dúvida, o Padre jesuíta António Vieira, que escreveu variados sermões.

O estilo literário barroco, em geral, e o de António Vieira, em particular, incluem:

- **intenções de persuasão³** dos interlocutores/ouvintes (estes eram chamados a mudar de comportamento e de vida);
- recurso a **estratégias retóricas⁴ e argumentativas⁵**, assentes numa **linguagem artificiosa/engenhosa** (sempre com intenções de convencer/persuadir), como se verifica em:
 - raciocínios lógicos; comparações e metáforas; alegorias (representações de abstrações); paradoxos, antíteses; jogos de língua, trocadilhos, interrogações retóricas, exclamações; aliterações e assonâncias.

Tal como na literatura, quer vejamos quadros de pintores como Velázquez, Caravaggio, Rubens, Vermeer ou Rembrandt, quer escutemos a música de Monteverdi, Domenico Scarlatti, Schutz, Johann Sebastian Bach, Handel, Couperin ou dos portugueses João Rodrigues Esteves e Carlos Seixas, o sentimento de fruição e apreciação do Barroco passa inevitavelmente pela grandiosidade, artifício, estilo rebuscado e esplendoroso da obra que estivermos a degustar.

¹ Pássaro mitológico que renasce das suas próprias cinzas.

² Conductor de correspondência postal; mensageiro.

³ Persuasão: capacidade de convencer ou influenciar; certeza adquirida por demonstração.

⁴ Retórica: conjunto de regras relativas à eloquência ou arte de bem falar.

⁵ Argumento: raciocínio destinado a provar ou refutar determinada tese (ideia, convicção, assunto); raciocínio do qual se tira uma consequência ou conclusão.

SERMÃO DE SANTO ANTÓNIO			
PARTES		CAPÍTULOS I A VI	ESTRUTURA ARGUMENTATIVA
Introdução	Exórdio	<p>Capítulo I</p> <p>«“Vós”, diz Cristo Senhor nosso, falando com os Pregadores, “sois o sal da terra”: e chama-lhe sal da terra, porque quer que façam na terra o que faz o sal.»⁶</p>	<ul style="list-style-type: none"> • O orador expõe o seu plano/projeto oratório – a TESE. Começa com o que se apelida «conceito predicável» (expressão retirada das Sagradas Escrituras e que indica o tema e assunto, a intenção e os objetivos do autor); para isso, recorrerá a argumentos (louvores e repreensões). • Referência a Santo António, modelo de pregação seguido neste sermão de Vieira. • O orador termina com uma invocação à Virgem Maria.
		<p>Capítulo II</p> <p>Informação sobre a divisão do sermão em partes</p> <p>«Enfim, que havemos de pregar hoje aos peixes? Nunca pior auditório. Ao menos têm os peixes duas boas qualidades de ouvintes: ouvem, e não falam.»</p> <p>«Suposto isto, para que procedamos com clareza, dividirei, peixes, o vosso Sermão em dois pontos: no primeiro louvar-vos-ei as vossas atitudes, no segundo repreender-vos-ei os vossos vícios.»</p> <p>Louvores aos peixes em geral</p> <p>«Começando pois pelos vossos louvores, irmãos peixes, (...). Vindo pois, irmãos, às vossas virtudes (...).»</p> <p>Capítulo III</p> <p>Louvores aos peixes em particular</p> <p>«Descendo ao particular (...). De alguns somente farei menção (...). Santo Peixe de Tobias (...). Rémora (...). Torpedo (...). Quatro-Olhos»</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Exposição e Confirmação: argumentos a favor (louvores) ou contra (repreensões/vícios/defeitos) os peixes, os quais representam as pessoas por meio da alegoria. • Os peixes ouvem com atenção e permanecem calados; são «quietos» e «devotos»; vivem no seu elemento natural – o mar – e, estando longe dos homens, conservam as qualidades gerais. • Santo Peixe de Tobias: o poder da cura e a comparação a Santo António. • Rémora: a língua de Santo António, sempre colada à palavra de Deus. • Torpedo: a ação evangelizadora de Santo António, pois, tal como o santo, agita a mente e toca o coração dos outros. • Quatro-Olhos: a qualidade de viver preocupado com as duas realidades da vida humana, ou seja, preocupações com o mundo físico e preocupação com o divino.
Desenvolvimento	Exposição/Confirmação	<p>Capítulo IV</p> <p>Repreensões aos peixes em geral</p> <p>«Antes porém que vos vades, assim como ouvistes os vossos louvores, ouvi também agora as vossas repreensões.»</p> <p>Capítulo V</p> <p>Repreensões aos peixes em particular</p> <p>«Descendo ao particular, direi agora, peixes, o que tenho contra alguns de vós. (...). Roncadores (...). Pegadores (...). Voadores (...) Polvo»</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Os peixes são arrogantes, soberbos e falsos. • Roncadores: arrogantes, presunçosos e soberbos. • Pegadores: corruptos, pegando-se aos poderosos para usufruírem dos seus benefícios. • Voadores: vaidosos e querem fazer mais do que podem/devem para obter honra e glória. • Polvo: traidor e falso.
		<p>Capítulo VI</p> <p>Integral</p> <p>«“Louvai, Peixes, a Deus, os grandes, e os pequenos”, e repartidos em dois coros tão inumeráveis, louvai-O todos uniformemente.»</p>	<p>Vieira finaliza o discurso expositivo-argumentativo: reaviva a memória dos ouvintes sobre virtudes e repreensões com vista à última tentativa de convencer o seu público e de o influenciar na adoção de um novo estilo de vida, de uma vida mais voltada para o Céu e menos presa à terra.</p>
Conclusão	Peroração		

⁶ Todos os excertos retirados da obra pertencem à seguinte edição: Padre António Vieira, *Sermão de Santo António*, *Obra Completa* (dir. José Eduardo Franco e Pedro Calafate), tomo II, volume X, Lisboa, Círculo de Leitores, 2014, pp. 137-165.

TÓPICOS DE ANÁLISE DO SERMÃO

Objetivos de eloquência

Captar a atenção dos ouvintes e a sua disponibilidade para ouvir, fazê-los conscientes do que têm de bom, para o preservar, e do que têm de mau, para o corrigir ou emendar (*docere, delectare*); a persuasão afigura-se intenção primeira e última de um orador (*movere*).



Santo António a Pregar aos Peixes,
Proveniente das Escadinhas do Jogo da
Pela, Lisboa, c. 1600

Intenção persuasiva e exemplaridade

Recurso a figuras de autoridade ou testemunhos que não só dão credibilidade ao seu sermão, como facilitam a sua aceitação perante os ouvintes: Santo António de Lisboa, Santo Ambrósio, os apóstolos evangelistas, entre outros; e Evangelhos, designadamente o de S. Mateus, de onde retira o «conceito predicável», assim como a epístola do apóstolo S. Tiago, as palavras de Jesus Cristo (Novo Testamento) e ainda os profetas do Antigo Testamento. A Bíblia é o pilar de que o orador se socorre insistentemente.

Padre António Vieira seleciona exemplos do conhecimento do mundo que os ouvintes possuem – esta é a base da estratégia de persuasão previamente preparada. Assim, conhecendo bem as categorias dos peixes e respetivos comportamentos, os ouvintes entenderão perfeitamente as críticas e convencer-se-ão daquilo que o padre jesuíta pretende mostrar. No caso do peixe de Tobias, por exemplo, e podendo o auditório o não conhecer, o orador não se refere apenas à sua fisionomia, mas faz uma breve descrição do contexto em que o peixe surge na Bíblia. Desta forma, dá a conhecer a Bíblia aos ouvintes (evangeliza) e faz com que estes corrijam os seus defeitos e pecados (persuade e altera comportamentos → *movere*).

Crítica social e alegoria

A crítica social prende-se com a exposição dos vícios⁷ da sociedade do Maranhão, servindo-se dos peixes, o que é conseguido com:

- **Discurso figurativo:** por meio de artifícios linguísticos e da sua estratégia argumentativa, assente no conceito predicável de natureza bíblica «*Vos estis sal terrae*», Vieira constrói imagens, cenários, personagens, virtudes e vícios que espelham a realidade e o contexto em que os seus interlocutores (peixes que simbolizam os homens) estão inseridos e tão bem conhecem.
- **Recursos expressivos:** alegoria, comparação, metáfora, anáfora, antítese, apóstrofe, enumeração, gradação. Destaca-se a alegoria, tal como tinha feito Santo António em relação à crítica social daqueles que o perseguiram: Vieira recorre a um elemento da fauna marítima – os peixes – para, por meio deles, pôr a nu os seus defeitos e virtudes, que facilmente se associam aos dos seres humanos.
- **Alegoria:** por definição, a alegoria é a concretização de uma abstração. Assim, os peixes representam e simbolizam as virtudes e as repreensões ou defeitos dos seres humanos.

⁷ Consultar a tabela com as partes e estrutura argumentativa do *Sermão do Padre António Vieira* (cf. p. 95).

SERMÃO DE SANTO ANTÓNIO AOS PEIXES – Resumo dos capítulos I e V (integrais) e dos restantes capítulos –	
Capítulo I Introdução (exórdio)	<ul style="list-style-type: none"> • Apresentação do conceito predicável: «Vós sois o sal da terra». • Explanação (descrição/caracterização) do conceito predicável: os Pregadores e os ouvintes. • Apresentação de Santo António como modelo de pregador: Santo António foi ameaçado pelos que não o queriam ouvir, então pregou aos peixes e assim fará também Padre António Vieira neste seu sermão. • Invocação à Virgem Maria.
Capítulo II Desenvolvimento (exposição/ confirmação)	<p>Informação sobre as virtudes do sal e sobre o plano do sermão:</p> <ul style="list-style-type: none"> • divisão das partes do sermão; • informação sobre as virtudes do sal: serve para conservar ou manter o que é saudável e impedir a sua corrupção – isto encontra a sua representação humana e abstracta na conservação do Bem e no impedimento do Mal. <p>Louvores aos peixes em geral:</p> <ul style="list-style-type: none"> • são bons ouvintes; • são as criaturas que Deus primeiramente criou; • são obedientes, acorrem devotamente ao chamamento divino e são pacatos; • são prudentes e permanecem afastados, a boa distância, dos homens.
Capítulo III Desenvolvimento (exposição/ confirmação)	<p>Louvores aos peixes em particular:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Santo Peixe de Tobias: simboliza o poder da cura e é comparado a Santo António, que, pela sua bondade e amor a Deus e aos homens, afasta os demónios, e pelo seu «fel», que são as suas palavras, cura da cegueira, ou seja, tira os seres humanos das trevas da Vida e mostra-lhes a Luz de Deus (por meio da evangelização); • Rémora: é comparada à língua de Santo António, que se entregou à evangelização dos povos e nunca se afastou desse objetivo; • Torpedo: é comparado a Santo António, pois peixe e santo fazem tremer, o primeiro pelas suas vibrações elétricas e o segundo pelas suas palavras, que contagiam e estremecem a vida e o coração dos ouvintes; • Quatro-Olhos: simboliza as duas direções do caminho de cada ser humano: vigia e atenta no caminho da vida e das preocupações terrenas, mas simultaneamente atenta no Céu, fim primeiro e último para que fomos criados.
Capítulo IV Desenvolvimento (exposição/ confirmação)	<p>Repreensões aos peixes em geral:</p> <ul style="list-style-type: none"> • «comem-se uns aos outros»; • são ignorantes, estão cegos e são arrogantes e vaidosos.



Júlio Pomar,
Santo António a Pregar aos Peixes,
1984-85

Capítulo V
Desenvolvimento
**(exposição/
confirmação)**

Repreensões aos peixes em particular:

- **Roncadores:** símbolo das pessoas que são insignificantes na vida, mas que falam e apregoam arrogantemente o seu suposto valor;
- **Pegadores:** símbolo da dependência e parasitismo de quem tem pouco valor, mas se «pega» àqueles que o têm para subir ou suceder na vida; a isto se chama também oportunismo e falta de escrúpulos; Padre António Vieira afirma que se o Homem se há de pegar a algo ou alguém é a Deus, como ele mesmo o faz todos os dias;
- **Voadores:** símbolo da ambição desmedida e da presunção de que se pode fazer tudo o que se quer; no caso, o peixe nada e voa, por isso, e porque o faz com presunção, acarreta na sua vida não só os perigos da água, mas também os que vêm do ar;
- **Polvo:** considerado «o maior traidor do mar», o polvo, pelas suas características de disfarce e pacatez, ilude a presa, tomando a cor das pedras ou da vegetação do fundo do mar, surpreende a vítima e caça-a ele mesmo. Isto é símbolo de todos quantos são hipócritas e dissimulados, o que os faz conseguir o que querem à custa da hipocrisia. Padre António Vieira afirma que, em comparação com o polvo, até Judas parece menos traidor.

Capítulo VI
Conclusão
(peroração)

Desfecho:

- Retoma dos argumentos apresentados;
- Exortação (pedido insistente/conselho) aos ouvintes para fazerem contínua ação de graças e louvores a Deus.



David Vinckboons,
Sermão de Cristo no Lago de Genesaré, 1623

JOSÉ SARAMAGO, O ANO DA MORTE DE RICARDO REIS

CONTEXTUALIZAÇÃO

Vida e obra

- **1922 (16 de novembro):** nasce, na Golegã, José de Sousa Saramago, oriundo de uma família de agricultores.
- **1924:** muda-se com a família para Lisboa. Problemas económicos impedem o autor de frequentar estudos liceais. Mais tarde, formou-se numa Escola Técnica, iniciando a vida de trabalho como serralheiro mecânico.
- **1947:** publica o primeiro romance *Terra do Pecado*.
- Durante anos, exerce funções de funcionário público, tradutor e crítico e escreve livros de poesia, crónicas e contos, sendo o romance o género literário que o distingue.
- **1970-1986:** divorciado, vive com Isabel da Nóbrega.
- **1975:** exerce funções de diretor do jornal *Diário de Notícias*.
- **1980:** publica *Levantado do Chão*.
- **1982:** publica *Memorial do Convento*.
- **1984:** publica *O Ano da Morte de Ricardo Reis*.
- **1986:** publica *A Jangada de Pedra*.
- **1988:** casa com a jornalista espanhola María del Pilar del Río Sánchez, sua companheira até ao fim da vida.
- **1991:** publica *O Evangelho segundo Jesus Cristo*.
- **1995:** publica *Ensaio sobre a Cegueira*.
- **2000:** publica *A Caverna*.
- **2009:** publica *Caim*.
- **2010 (18 de junho):** morre em Tías, Lanzarote – Espanha.
- **2014:** publica-se, postumamente, *Alabardas, alabardas, espingardas, espingardas*.
- **Prémios literários:**
 - **1982-1984:** Prémio PEN Clube Português e Prémio D. Dinis da Fundação Casa de Mateus;
 - **1991:** Grande Prémio de Novela da APE;
 - **1995:** Prémio Camões;
 - **1998:** Prémio Nobel da Literatura.



ESTRUTURA DE O ANO DA MORTE DE RICARDO REIS

- *O Ano da Morte de Ricardo Reis* é um romance dividido em **19 capítulos**, não numerados graficamente.
- Desde o final do ano de 1935 e ao longo do ano de 1936, temos como protagonista Ricardo Reis.
- Em *O Ano da Morte de Ricardo Reis*, há duas partes narratológicas a ter em conta: os **encontros/diálogos com Fernando Pessoa e a deambulação/itinerários que Reis faz por Lisboa**¹ (maioritariamente) e Fátima (uma única vez). Nos dois casos, encontramos ocasiões para reflexões sobre a cidade (espaço), a História (tempo histórico), a Política (fascismos europeus e revoluções), a Literatura, as personagens, a intertextualidade e a crítica (por meio do narrador onisciente).

Eduardo Portugal, *Rua da Bica de Duarte Belo*, Lisboa, AML, 1936



¹ Estão devidamente identificados na estrutura interna e externa da obra.

ESTRUTURA EXTERNA	ESTRUTURA INTERNA
<p>Capítulo I</p>	<ul style="list-style-type: none"> • «Highland Brigade» atraca no cais de Alcântara, Lisboa, a 29 de dezembro de 1935. • Regresso de Ricardo Reis, vindo do Rio de Janeiro (Brasil), 16 anos depois da sua partida. Primeiras impressões: «cidade silenciosa», «cidade sombria», burocracia exagerada. • O taxista leva Ricardo Reis ao Hotel Bragança para se hospedar, ficando instalado no quarto n.º 202, com vista sobre o Tejo. • Apresentação de Ricardo Reis: 48 anos, natural do Porto, solteiro, médico, última residência – Rio de Janeiro. Enverga uma gabardina e um chapéu. • Sala de jantar do Hotel, com desfile de várias personagens, destacando-se um pai e uma filha: «um homem de meia-idade, alto, formal» e «a rapariga de uns vinte anos, (...) magra», com a mão esquerda paralisada.
<p>Capítulo II</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Ricardo Reis sai cedo do hotel para ir ao cemitério dos Prazeres visitar a campa de Fernando Pessoa. <p>ITINERÁRIO 1:</p> <p>Terreiro do Paço → Rua do Crucifixo → Rua Garrett → Chiado → Plinto da estátua de Camões → Bairro Alto</p> <ul style="list-style-type: none"> • Jornais: o que escrevem sobre a morte e funeral de Fernando Pessoa. <p>ITINERÁRIO 2:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Calçada do Combro – onde Ricardo Reis lê a «oração fúnebre de Fernando Pessoa». • Reis apanha o elétrico para ir ao cemitério, dirige-se à administração, pedindo para ver a campa de Fernando Pessoa. • Almoço no Rossio (cemitério → Calçada da Estrela → Baixa → Rua Augusta → Rossio → restaurante Irmãos Unidos, hoje no lugar do antigo Hospital de Todos os Santos) • Depois do almoço: Reis sai pela porta da Rua dos Correeiros → Praça da Figueira → Rua dos Douradores → Rua da Conceição • Regresso ao hotel: <ul style="list-style-type: none"> Ao jantar: <ul style="list-style-type: none"> – Ricardo desce mais cedo «para ver a rapariga da mão paralisada»; – a história do pai e da filha contada pelo gerente Salvador: Dr. Sampaio (notário); Marcenda (mãe já morreu); «o braço todo está paralisado»; vêm a Lisboa «todos os meses três dias».



Abel Manta, *Largo de Camões*, 1964

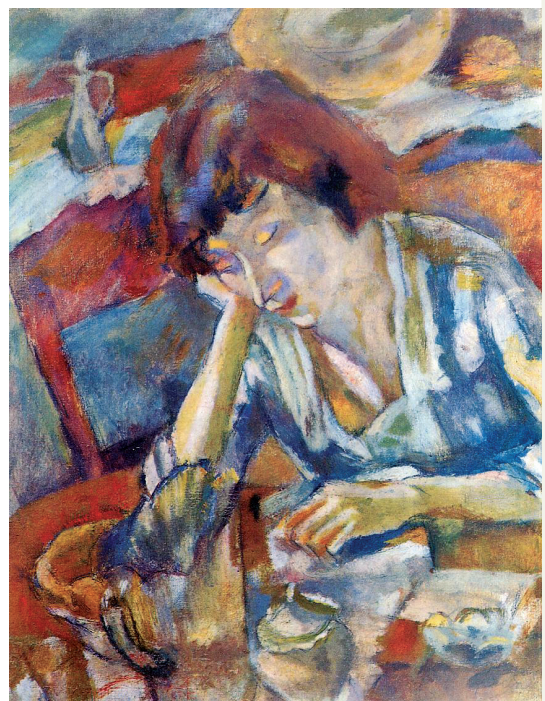
ESTRUTURA EXTERNA	ESTRUTURA INTERNA
<p>Capítulo III</p>	<p>ITINERÁRIO 3:</p> <p>Rua do Alecrim → Praça de Camões → Rua da Misericórdia → Largo de S. Roque → Bairro Alto → Travessa da Água da Flor → Convento de S. Pedro de Alcântara → Praça do Rio de Janeiro, Príncipe Real → Rua do Século → Rampa da Calçada dos Caetanos → Rua do Norte → Praça de Camões</p> <ul style="list-style-type: none"> • «Gente pobre», «uma multidão negra» avança pela rua e pergunta a um polícia o motivo da multidão, ao que ele responde «É o Bodo do Século», no qual os pobres recebem «10 escudos», «agasalhos», «brinquedos», «livros de leitura». • Reis almoça, vai a duas livrarias, hesita na porta do Tivoli, não vê o filme, vai a um café, lê os jornais da tarde, regressa ao Hotel Bragança. • É a última noite do ano: 31 de dezembro de 1935 – réveillon. • Reis decide ir passar o ano entre o Teatro Nacional e a estação do Rossio para ver a meia-noite no relógio da estação central do Rossio. • Reis sai às 23:00 pela Rua do Alecrim, desce o Chiado e a Rua do Carmo. • São 00:00 de 1936 – festa. • Reis regressa ao Hotel Bragança. <p>1.º ENCONTRO: FERNANDO PESSOA E RICARDO REIS</p> <ul style="list-style-type: none"> • Regresso ao hotel «pouco passava da meia-noite e meia hora» e está Fernando Pessoa à sua espera no quarto: <ul style="list-style-type: none"> – «é Fernando Pessoa quem primeiro fala»: tem 9 meses de permissão para circular entre os humanos; – diálogo Pessoa – Reis sobre a morte do primeiro e os motivos do regresso a Portugal do segundo; – despedem-se com promessas de futuros encontros.
<p>Capítulo IV</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Notícias elogiosas dos governadores de Portugal e de Oliveira Salazar, nos jornais. • Descrição de Lídia: cerca de trinta anos, é uma mulher feita, morena. Tem um ar triste. • Atração física de Reis por Lídia. <p>ITINERÁRIO 4 – 2.º ENCONTRO FERNANDO PESSOA E RICARDO REIS</p> <ul style="list-style-type: none"> • Reis, ao descer a Rua dos Sapateiros, vê Fernando Pessoa, que está parado à esquina da Rua de Santa Justa a olhá-lo, como quem espera. • Seguem em direção ao Terreiro do Paço. • Seguem pela Rua dos Sapateiros → Rua da Conceição, «virando à esquerda para a Augusta», em frente → Café Martinho (debaixo da arcada) • Diálogo Pessoa e Reis sobre a morte. • Crítica sarcástica à miséria dos pobres e à hipocrisia dos governantes, que veem os populares como «bichos» e simulam caridade como no «Bodo do Século». • Questão do Labirinto: «o homem, claro está, é o labirinto de si mesmo». <p>ITINERÁRIO 5:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Reis vai ao Politeama ver «Cruzadas» → Rua de Eugénio dos Santos • Regresso ao Hotel Bragança: <ul style="list-style-type: none"> – a cama está feita com «lençol e colcha de lado a lado e duas almofadas»: Lídia volta pela noite e dorme com Ricardo Reis.

ESTRUTURA EXTERNA	ESTRUTURA INTERNA
<p>Capítulo V</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Regresso ao Hotel Bragança do Dr. Sampaio (notário) com sua filha Marcenda; os dois ficam hospedados nos quartos 204 e 205. • Depois de Reis ter sabido pelo gerente Salvador que pai e filha iam ver a peça «Tá Mar», de Alfredo Cortez, ao teatro D. Maria, Reis decide ir também. • Entretanto, Reis já passou 3 noites com Lídia no seu quarto. <p>ITINERÁRIO 6:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Reis desce o Chiado. • Vai ao Teatro Nacional comprar o bilhete para a peça de Cortez. • À saída do Teatro: depois de se cumprimentarem, Reis recusa partilhar o táxi com o Dr. Sampaio e Marcenda por «decoro». • Reis caminha até ao Terreiro do Paço para ver o Tejo pela noite, rio que lhe faz lembrar o seu Douro. • Encontra-se com um polícia (PVDE) duvidoso das razões de um homem circular sozinho perto dos barcos. • Reis segue pela Rua do Arsenal até ao Hotel Bragança. <p>3.º ENCONTRO: FERNANDO PESSOA E RICARDO REIS</p> <ul style="list-style-type: none"> • Diálogo Pessoa e Reis: <ul style="list-style-type: none"> – sobre a diferença entre a Lídia das odes e a Lídia criada do hotel (Pessoa sente-se dececionado pela falta de gosto de Reis); – sobre a diferença entre o Reis das odes sublimes e este que aqui está na cama, de botija, à espera de prazeres carnavais com a criada; • Lídia aparece e dorme novamente com Ricardo Reis.
<p>Capítulo VI</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Salvador informa Reis de que os Sampaio almoçaram na Baixa, mas Marcenda regressará sozinha depois do almoço. • Reis e Marcenda conversam na sala de estar: • Jantar no Hotel Central com os Sampaio, sendo a política o tema de discussão.
<p>Capítulo VII</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Ricardo Reis decide comprar o livro recomendado pelo nacionalista convicto, Dr. Sampaio, <i>Conspiração</i>. • Contexto do resto da Europa. • Reis e Lídia voltam a passar noites juntos. <p>4.º ENCONTRO: FERNANDO PESSOA E RICARDO REIS</p> <ul style="list-style-type: none"> • Os dois encontram-se num café de bairro, onde abordam os acontecimentos políticos em Portugal e Espanha. • O carnaval (domingo gordo) – contraste abissal entre o do Brasil e o do corso na Avenida da Liberdade. <p>ITINERÁRIO 7:</p> <p>Chiado → Calçada do Sacramento → Escadinhas do Duque → Travessa da Queimada</p> <p>(Ricardo Reis persegue, correndo apressadamente, essa «figura vestida de preto»)</p>



Edvard Munch,
Retrato de Mulher, 1898-99

ESTRUTURA EXTERNA	ESTRUTURA INTERNA
<p>Capítulo VIII</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Reis é intimado a comparecer na Polícia de Vigilância e Defesa do Estado (PVDE). <p>ITINERÁRIO 8 (apenas imaginado): Rua do Alecrim → Esquina da igreja → Cinema Chiado Terrasse → Teatro de S. Luís, Rei de França</p> <ul style="list-style-type: none"> • As revelações de Lídia: <ul style="list-style-type: none"> – criada de hotel; – mal sabe ler e escrever; – tem um meio-irmão, Daniel Martins – 23 anos, ambos filhos da mesma mãe –, que é Oficial da Marinha de Guerra e não confia nem gosta deste Governo de António Oliveira Salazar; – soube por Daniel das torturas, interrogatórios e castigos da PVDE (futura PIDE), todos desumanos e secretos. • Reis desce para a sala de jantar: <ul style="list-style-type: none"> – o Dr. Sampaio ignora-o, desconfiado, enquanto conversa com os espanhóis, Don Alonso e Don Lorenzo; – Reis lê o jornal, esperando Marcenda; – Reis diz a Sampaio que comprou e leu o livro recomendado, <i>Conspiração</i>, e dá-lhe uma opinião politicamente correta e favorável ao regime ditatorial – o que confunde Sampaio. • Marcenda deixa um bilhete a Ricardo Reis pela porta, marcando encontro, no dia seguinte, no Alto de Santa Catarina. <p>ITINERÁRIO 9: Rua do Carmo → Brasileira, no Chiado → Estátua de Camões → Alto de Santa Catarina → Monumento ao Adamastor</p> <p>5.º ENCONTRO: FERNANDO PESSOA E RICARDO REIS</p> <p>(No Alto de Santa Catarina antes de chegar Marcenda)</p> <ul style="list-style-type: none"> • Conversa entre os dois sobre Marcenda. • Encontro com Marcenda: preocupada com Ricardo Reis, esta pede-lhe que ele lhe escreva sobre o resultado da intimação pela PVDE.




Jules Pascin, *Hermine*, 1919

ESTRUTURA EXTERNA	ESTRUTURA INTERNA
Capítulo IX	<ul style="list-style-type: none"> • Ricardo Reis vai à PVDE, onde é interrogado. • Ricardo Reis regressa ao hotel e escreve a prometida carta a Marcenda. • Lídia volta à noite ao quarto de Reis e, depois de uma conversa sobre Ricardo Reis querer ir viver para uma casa, onde Lídia o visitará, segue-se uma longa noite de amor. • Nos dias que se seguem, Ricardo Reis empenha-se em encontrar uma casa, procurando anúncios nos jornais e deambulando pelas ruas, acabando por arrendar uma casa no Alto de Santa Catarina.
Capítulo X	<ul style="list-style-type: none"> • Reis diz a Lídia que se vai mudar para a casa nova. • O médico escreve a segunda carta a Marcenda, dando a sua nova morada. <p>ITINERÁRIO 10:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Reis vai ao Chiado recrutar «moços de fretes» para transportar as malas do Hotel Bragança até sua casa no Alto de Santa Catarina: Hotel → Chiado «pela calçada» → Estátua de Camões → Alto de Santa Catarina • Durante o percurso: passaram 23 elétricos «carregados» de alemães «excursionistas» com destino à Torre de Belém, ao Mosteiro dos Jerónimos, a Algés, Dafundo, Cruz Quebrada – crítica à presença alemã (membros da Frente Alemã do Trabalho), descontraída e superior, pela capital portuguesa. <p>6.º ENCONTRO: FERNANDO PESSOA E RICARDO REIS</p> <ul style="list-style-type: none"> • Conversa sobre a solidão e respetivos estados de alma de tristeza.
Capítulo XI	<ul style="list-style-type: none"> • Primeira manhã em casa e no Alto de Santa Catarina. <p>ITINERÁRIO 11:</p> <p>Calhariz → Praça Camões → Igreja dos Mártires → Baixa (restaurante Chave de Ouro) → Alto de Santa Catarina (regresso a sua casa de táxi)</p> <ul style="list-style-type: none"> • Lídia visita Reis na sua nova casa e informa-o de que Marcenda chega a Lisboa no dia seguinte. • Marcenda visita Reis, acabando os dois por se beijar e por trocar declarações mútuas. • Marcenda confia que o pai quer que ela vá a Fátima (estando, porventura, a prepará-la para deixarem de ir a Lisboa porque os seus amores adúlteros acabaram).
Capítulo XII	<ul style="list-style-type: none"> • Reis e Lídia envolvem-se fisicamente. • Reis escreve nova carta a Marcenda. • Ricardo Reis vai à procura de emprego, indo substituir um médico especialista em cardiologia e pneumologia. <p>ITINERÁRIO 12:</p> <p>Alcântara → Pampulha → Conde Barão → Rossio → Praça Luís de Camões (consultório)</p> <ul style="list-style-type: none"> • Sentado num banco do Alto de Santa Catarina, Reis concentra-se no JORNAL (contexto histórico). • Ricardo Reis regressa a casa e vê «um sobrescrito na passadeira, de um levíssimo tom de violeta», remetido de Coimbra – Marcenda faz votos de manter a amizade com Ricardo e promete visita ao seu consultório. <p>ITINERÁRIO 13:</p> <p>Ricardo Reis sai para jantar e apanha um elétrico e segue o seu itinerário. Rua Alexandre Herculano → Praça do Brasil → Rua das Amoreiras → Rua de Silva Carvalho → Bairro de Campo de Ourique → Rua de Ferreira Borges → Rua de Domingos Sequeira → Rua de Saraiva de Carvalho «na direção do cemitério»</p>

ESTRUTURA EXTERNA	ESTRUTURA INTERNA
<p>Capítulo XIII</p>	<p>7.º ENCONTRO: FERNANDO PESSOA E RICARDO REIS</p> <ul style="list-style-type: none"> • Fernando Pessoa aparece e fica a conversar com Ricardo Reis «no banco mais próximo do Adamastor» sobre a vida e a morte. • O diálogo Pessoa-Reis continua dentro de casa depois de terem avistado Victor da PVDE. • Reis toma café e vai buscar os jornais para ler as notícias a Pessoa (que já não sabe ler). • Reis rejeita Lúdia, o que a deixa triste e infeliz. • Reis propõe Marcenda em casamento, mas esta recusa, por considerar que não seriam felizes.
<p>Capítulo XIV</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Carta de Marcenda a Reis para se despedir e pedindo-lhe que não voltasse a escrever-lhe, pondo fim ao relacionamento. • Reflexão sobre o nome de Marcenda. • Reis lê o JORNAL («periódico»). • Reis volta a <i>The God of the Labyrinth</i>: o tabuleiro de xadrez mostra um homem morto: Addis-Abeba = Ricardo Reis (prolepse, pois Reis «desaparece» no final do romance, cujo título o prenuncia). • Diálogo entre Reis e Lúdia sobre o papel dela na vida dele. <p>ITINERÁRIO 14:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Ricardo Reis vai a Fátima na tentativa de encontrar Marcenda, o que acaba por não acontecer.
<p>Capítulo XV</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Regressado de Fátima, Reis não saiu de casa «por três dias». • Reis recebe a carta do colega agora convescido, que o informa de que regressará ao consultório. • Na sua última consulta, Ricardo Reis recebe 6 doentes. • Reis reflete sobre o passar do tempo, sobre os verdadeiros motivos do seu regresso a Portugal, sobre a possibilidade de voltar para o Brasil, sobre Fernando Pessoa, Marcenda e Lúdia. • O regresso de Lúdia e conversa com ela sobre as notícias do jornal <i>O Século</i>. <div data-bbox="536 1447 1235 2038" style="text-align: center;"> </div> <p>Auguste Macke, <i>Passeio</i>, 1913</p>

ESTRUTURA EXTERNA	ESTRUTURA INTERNA
<p>Capítulo XV (cont.)</p>	<p>8.º ENCONTRO: FERNANDO PESSOA E RICARDO REIS</p> <ul style="list-style-type: none"> • Diálogo entre Pessoa e Reis sobre os seus amores e destino. <p>ITINERÁRIO 15:</p> <p>Elevador de Santa Justa → Calçada do Carmo abaixo → Rua do Primeiro de Dezembro → Rossio → Hotel Avenida Palace (chegada do «ministro do Interior e pessoas da sua família»)</p> <ul style="list-style-type: none"> • Reis decide ir assistir à simulação de um ataque aéreo-químico e rompe pela multidão que se prepara para assistir, aviões já no céu. • Ricardo Reis e Lídia conversam sobre este exercício e sobre a fuga do preso Manuel Guedes.
<p>Capítulo XVI</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Reflexão sobre <i>Os Lusíadas</i> e <i>Mensagem</i>: Fernando Pessoa não dedica, em parte alguma, um poema a Camões e tem remorsos. • Reis escreve uma ode a Marcenda. • Lídia informa Ricardo Reis de que está grávida: <ul style="list-style-type: none"> – reações de cada um dos dois: Lídia calma, serena, contrariamente a Reis, agitado, enervado, alheado. <p>9.º ENCONTRO: FERNANDO PESSOA E RICARDO REIS</p> <ul style="list-style-type: none"> • Diálogo sobre política e a gravidez de Lídia.

Pablo Picasso, *Guernica*, 1937

ESTRUTURA EXTERNA	ESTRUTURA INTERNA
<p>Capítulo XVII</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Realização do filme de Lopes Ribeiro acerca do enredo do livro <i>Conspiração</i>. • Reis lê os jornais, com Espanha em destaque: <p>ITINERÁRIO 16 – 10.º ENCONTRO: FERNANDO PESSOA E RICARDO REIS</p> <ul style="list-style-type: none"> • Reis vai pela Calçada da Estrela até ao Cemitério dos Prazeres para falar com Fernando Pessoa. • Diálogo Reis-Pessoa sobre o golpe militar de Espanha.
<p>Capítulo XVIII</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Massacre na Praça de Touros de Badajoz. • Lídia chora e tem uma crise existencial (a sua condição eterna de criada na relação com o médico Ricardo Reis). • O comício na Praça de Touros do Campo Pequeno, a que Ricardo Reis vai assistir. • Reflexões de Reis sobre o contexto que tem lido e visto. • Reis copia o seu poema e envia-o à posta-restante para Coimbra.
<p>Capítulo XIX</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Lídia visita Ricardo para lhe segredar pormenores da conspiração em desenvolvimento planeada pela Marinha, da qual faz parte o irmão Daniel: <ul style="list-style-type: none"> – Desenvolvimento do plano desde Angra do Heroísmo. <p>ITINERÁRIO 17:</p> <p>Reis sai para almoçar e do jardim do Alto de Santa Catarina olha para os barcos no Tejo. O balão nazi sobrevoa Lisboa, o Hindemburgo com a cruz suástica.</p> <p>Chiado → Rua Nova do Almada → Terreiro do Paço → À porta do Hotel Bragança → Rua do Alecrim → Seguiu o caminho das Estátuas, Eça de Queirós, o Chiado, d’Artagnan, o pobre Adamastor → Alto de Santa Catarina (casa)</p> <ul style="list-style-type: none"> • Revolta dos marinheiros e bombardeamento dos barcos, que termina com a morte de 23 marinheiros, sendo um deles o irmão de Lídia. <p>11.º ENCONTRO: FERNANDO PESSOA E RICARDO REIS</p> <ul style="list-style-type: none"> • Fernando Pessoa vai a casa de Ricardo Reis para se despedir, mas este decide acompanhá-lo na morte. <div data-bbox="788 1487 1402 2078" style="text-align: right;">  </div> <p style="text-align: right;"> Costa Pinheiro, <i>O Poeta Fernando Pessoa – Ele-Mesmo</i>, 1979 </p>

TÓPICOS DE ANÁLISE EM O ANO DA MORTE DE RICARDO REIS

Representações
do século XX

A cidade e os seus itinerários e deambulações

- A cidade que se assume ser o espaço central neste romance é **Lisboa**, aonde Ricardo Reis chega vindo de barco do Brasil.
- Por Lisboa, Ricardo Reis **deambula** geograficamente (nos seus **itinerários**) e literariamente (imitando **Cesário Verde**, conversando com **Fernando Pessoa**, morando ao lado da **estátua do Adamastor**, trabalhando na clínica ao lado da **estátua de Camões** – representação de **Os Lusíadas e do próprio Camões**).
- Nela exerce a sua **profissão** (médico, que vai substituir um colega pneumologista doente, numa clínica junto da **estátua de Camões**).
- Nela tem a sua morada (**Hotel Bragança** e, depois, apartamento no **Alto de Santa Catarina**).
- Nela se encontra com Fernando Pessoa.
- Nela testemunha **acontecimentos históricos e políticos relativos ao último mês de 1935 e a todo o ano de 1936** (em plena **Ditadura Salazarista** e em pleno poder da PVDE).
- Nela (em conjunto com uma viagem infrutífera a Fátima) vive o seu **triângulo amoroso: Lídia-Ricardo-Marcenda**.

Em suma, é a partir do protagonista e da sua vida em Lisboa que percebemos como era Portugal no final de 1935 e, sobretudo, em 1936.

O tempo
histórico e os
acontecimentos
políticos

- **A Europa:** Ditaduras militares – Fascismo em Espanha, Itália, Alemanha e Portugal.
- **Portugal:** o Estado Novo – Ditadura Fascista, encabeçada por António de Oliveira Salazar, que manipulava o Presidente da República, Óscar Carmona:
 - a PVDE (a PIDE): os interrogatórios e as perseguições a Ricardo Reis (Victor, seu máximo e ridículo expoente);
 - os comícios nacionais-socialistas: o caso da Praça de Touros do Campo Pequeno;
 - os Bodos («Bodo do Século»): distribuição de comida e bens aos pobres para mostrar um salazarismo preocupado com todos;
 - os lisboetas sempre desconfiados de opositores ao regime (Hotel Bragança);



Paula Rego, *Salazar a Vomitar a Pátria*, 1960

TÓPICOS DE ANÁLISE EM *O ANO DA MORTE DE RICARDO REIS*

O tempo histórico e os acontecimentos políticos
(cont.)

- o alojamento de apoiantes de outras ditaduras fascistas em hotéis lisboetas;
- a criação e desenvolvimento da Mocidade Portuguesa;
- a presença de «turistas» alemães, circulando de elétrico pelas ruas de Lisboa;
- os bombardeamentos que aniquilaram o ataque militar aos barcos estacionados no Tejo (onde morre o irmão de Lídia);
- as técnicas manipuladoras da opinião pública – jornais com discursos de louvores a Oliveira Salazar, que o endeusavam e glorificavam a todos os níveis;
- a representação do «Teatro de Guerra», ensinando políticos e populares a reagir ou a protegerem-se em caso de ataque inimigo;
- a celebração da «Festa da Raça», o 10 de Junho – ao serviço do Nacionalismo e do Fascismo;
- o louvor e a exaltação da Literatura ao serviço do Fascismo: o caso do livro *Conspiração*, recomentado por Sampaio (pai de Marcenda) a Ricardo Reis, que este efetivamente lê.

Representações do Amor

O amor, neste romance de José Saramago, assume, fundamentalmente, a forma de **triângulo amoroso** entre **Lídia, Ricardo Reis** e **Marcenda**. Se por Lídia, criada de hotel e empregada doméstica, Reis nutre sentimentos carnis, ainda que a respeite pela sua inteligência, por Marcenda sente amor matrimonial, que acaba por não ser correspondido.



Edvard Munch, *Dois Seres Humanos*, 1933-35

Intertextualidade

- José Saramago → leitor de si mesmo
- José Saramago → leitor de Luís de Camões
- José Saramago → leitor de Cesário Verde
- José Saramago → leitor de Fernando Pessoa

Linguagem e estilo

- **Tom oralizante** (registo de língua popular) e **pontuação expressiva** (frases longas, separadas por vírgulas e pontualmente por pontos finais, parágrafos igualmente longos, discurso direto antecedido por vírgula e encetado com letra maiúscula);
- Presença de recursos expressivos, tais como **antíteses, comparações, enumerações, ironias** e **metáforas**;
- **Reprodução do discurso no discurso** acontece sobretudo:
 - no discurso politicamente correto de políticos e analistas, recuperado pelo narrador onisciente dos jornais portugueses e estrangeiros;
 - no discurso do narrador, que parafraseia discursos de outras personagens e de políticos;
 - no discurso de emissoras de rádio (RCP);
 - no discurso de anúncios publicitários (Bovril é disso exemplo) ou de placas que anunciam lojas e casas de interesse público.